

Museu da Vida – um século de museus na Fiocruz

Diego Vaz Bevilaqua

Pós-Doutor pela Harvard University, tecnologista do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz e professor do Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (Fiocruz).

INTRODUÇÃO

A Fundação Oswaldo Cruz é fundada em 25 de maio de 1900 sob o nome de Instituto Soroterápico Federal com o objetivo de fabricar soros e vacinas para combater a peste bubônica, sendo uma das instituições científicas mais antigas do Brasil. De sua fundação aos dias atuais, permanece o núcleo arquitetônico construído especialmente para abrigar as atividades da instituição, que tornou-se patrimônio brasileiro em ciência, saúde e tecnologia. Depois de abrigar vários museus ao longo de sua história, parte desse núcleo faz parte, hoje, do circuito de visitação do Museu da Vida, o museu de ciência da Fiocruz. Isso torna o museu um herdeiro direto desse século de história, reforçando seu compromisso em relação ao seu papel social e aos desafios da contemporaneidade.

INICIATIVAS PIONEIRAS

Em 1900, o Instituto Soroterápico Federal é instalado na Fazenda de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro, tendo Oswaldo Cruz como seu primeiro diretor científico. A região era pouco habitada – área, como o próprio nome indica, de mangues e regiões alagadiças, escolhida por ser distante do centro da capital federal de então por conta dos receios

decorrente da manipulação de materiais patogênicos.³¹⁴ Instalada provisoriamente nas casas da fazenda, tinha como função o combate das principais epidemias que tomavam conta dos grandes centros urbanos no período, como a febre amarela: a peste bubônica e a varíola.³¹⁵ Em 1902, Oswaldo Cruz torna-se o diretor geral da instituição e em 1904, começa a construção do complexo de edificações que tinham como objetivo abrigar suas atividades científicas.



Figura 1 - Núcleo Arquitetônico Histórico de Mangueiras em torno da década de 1920, em fotografia de J. Pinto.

Essas edificações formam o patrimônio que hoje é conhecido como Núcleo Arquitetônico Histórico de Mangueiras (NAHM). O complexo é formado pelo Pavilhão da Peste, edificação destinada a abrigar os laboratórios de produção de soro contra a peste bubônica; o Prédio do Quinino, que abriga a produção de fármacos; o Castelo Mourisco, destinado aos outros laboratórios do instituto, e a Cavalariça para abrigar cavalos utilizados na produção de soros, além da Casa de Chá, que funcionava como local de refeições. Todas elas localizadas no topo do morro que abrigou as primeiras instalações. Além dessas construções, foram erguidos o Pombal, destinado a criação de pequenos animais e de pombos correio; o Hospital Oswaldo Cruz (hoje Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas), e o Pavilhão Vacínico (atual Casa Amarela). Esse complexo é finalizado em 1922 e foi preservado em sua integridade, consagrado como patrimônio da ciência e da saúde brasileira.³¹⁶

314 OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (coord.) *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Mangueiras*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

315 BENCHIMOL, Jaime L. (coord.) *Mangueiras de sonho à vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

316 Ver OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (coord.) *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Mangueiras*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Plano de requalificação do NAHM: Núcleo Arquitetônico Histórico de Mangueiras*. Rio de Janeiro: [s.n.] 2015.; PINHEIRO, Marcos José de Araújo et al. *Arquitetura e espaços museológicos: experiências a partir do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Mangueiras na cidade do Rio de Janeiro*. A ser publicado por ICAMT/ICOM, 2018.

As primeiras iniciativas expositivas e de divulgação científica da instituição viria com a participação em grandes exposições de higiene na Alemanha em 1907 e 1911.³¹⁷ Em 1907, Oswaldo Cruz e o arquiteto do Castelo Luiz de Moraes Jr. preparam a exposição do Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos (nome da instituição na época) para o Congresso de Higiene e Demografia de Berlin. A exposição traz plantas do castelo, uma maquete do Prédio do Relógio, espécimes entomológicos, lâminas histopatológicas e outros exemplares das primeiras coleções científicas que começam a se formar do instituto com o intuito de mostrar os avanços de saúde pública alcançados. A exposição leva medalha de ouro e ajuda a projetar internacionalmente Oswaldo Cruz.

Já em 1911, Oswaldo Cruz leva os novos avanços da instituição para a Exposição Internacional de Higiene de Dresden, dentro do pavilhão do Brasil. A exposição de Dresden, destinada a grandes públicos, leva milhões de pessoas ao espaço ao longo de cinco meses. Os grandes destaques da exposição eram a erradicação da febre amarela e a descoberta da doença de Chagas. Na sala destinada à doença de Chagas poderiam ser observadas uma grande quantidade de barbeiros, exemplares anatômicos demonstrando a patologia, e esculturas buscando demonstrar os sintomas da doença.

Um dos destaques da exposição era a exibição de quatro curtos filmes na “Sala do Cinematógrafo”. Essa sala, que na sua entrada apresentava uma maquete da região de Manguinhos, além de maquetes da Cavalaria e do Castelo, foi especialmente preparada para exibição dos filmes.

Dos filmes exibidos, dois curtas foram produzidos pelo então Instituto Oswaldo Cruz. Mostravam tanto cenas do combate à febre amarela quanto as cenas registradas em Lassance de doentes acometidos pelo mal de Chagas.³¹⁸ Os dois ainda preservados (os outros dois estão perdidos) são possivelmente os filmes científicos mais antigos do Brasil segundo o pesquisador Eduardo Thielen, diretor – junto com Stella P. Oswaldo Cruz – do documentário, “O Cinematógrafo Brasileiro em Dresden”. Podemos imaginar que se trata da primeira exposição científica brasileira a utilizar material audiovisual em sua concepção.

A expografia do pavilhão, criada por Luiz de Moraes Jr., é bastante sofisticada, trazendo vários elementos que remetiam às edificações do NAHM que estavam em construção na época. Chama a atenção o uso de exhibits do tipo tridimensionais para exibição de estatísticas e outros elementos. Infelizmente, toda a expografia e a maior parte do acervo exposto foram perdidos e poucas peças retornaram ao Brasil.

317 Ver SOARES, Pedro Paulo; SOARES, Inês. Antecedentes. In: BEVILAQUA, Diego Vaz et al. (orgs.) *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes/Educacao/PDFs/Museu_da_ViVi_Ciencia_e_Arte_em_Manguinhos.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.; NOGUEIRA, Inês; SOARES, Pedro Paulo. Patrimônio cultural da ciência e da saúde: conceitos e abordagens de pesquisa no acervo museológico da Fundação Oswaldo Cruz. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364840236_ARQUIVO_anpuh2013.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

318 MORAES, Aline Ferry. O cinematógrafo e os filmes brasileiros na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911. *Revista Livre de Cinema*, v. 2, n. 2, 2015, pp. 14-29.

O Castelo Mourisco é finalizado em 1918, mas antes disso muitas de suas partes já vinham sendo utilizadas pelos pesquisadores, entre eles Oswaldo Cruz. Com sua morte em 1917, seu gabinete de trabalho é preservado e posteriormente denominado Museu Oswaldo Cruz.³¹⁹ Essa sala é conservada para a glorificação daquele que é visto como fundador da instituição e mito da ciência nacional. Sua constituição é de sala memorial, com o objetivo de preservar as características originais do gabinete de trabalho de Oswaldo Cruz. Com o tempo, objetos de uso pessoal e científico ligados ao pesquisador foram sendo incorporados enquanto relíquias e foi sendo constituído o acervo museológico da Fundação.

Em paralelo, na planta original do Castelo, Oswaldo Cruz já planejava a instalação de um museu científico nos moldes de museus de pesquisa, voltado a manter as coleções científicas e de acesso apenas a pesquisadores e visitantes ilustres. Desde a primeira década do século, várias coleções começaram a ser coletadas, sendo elas fontes dos acervos levados às exposições de 1907 e 1911.

Com a finalização das obras, as coleções são transferidas para o castelo e em seu terceiro andar é aberto o Museu da Anatomia Patológica (SOARES; NOGUEIRA, 2015). Trata-se de um museu pioneiro no Brasil. Segundo o Cadastro Nacional de Museus do Ibram,³²⁰ tínhamos no Brasil nessa época seis museus de ciência³²¹ (em parênteses encontra-se a data de fundação constante no cadastro): Museu Nacional (1818), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (1876), Museu Paraense (1876), Museu de Ciências da Terra (1909) e Museu Anchieta de Ciências Naturais (1917). Nenhum desses museus possuía acervo expressivo relacionado à anatomia patologia ou histopatológica.

Ambos os museus dão origem a diferentes dinâmicas no interior da instituição.³²² Por um lado, as diferentes coleções científicas, ligadas aos laboratórios de pesquisa da fundação e vinculadas à agenda técnico-científica. Por outro lado, a constituição de acervos históricos destinados a valorização da memória institucional, agregadas na unidade Casa de Oswaldo Cruz, que ao longo do tempo foi incorporando novas vertentes do pensamento histórico a da museologia.

A ditadura civil-militar, que se instalou no Brasil por um golpe de estado em 1964 atuou de forma devastadora no Instituto Oswaldo Cruz. No evento chamado “Massacre de Manguinhos” cassou seus mais renomados pesquisadores e destruiu a maior parte desses acervos.³²³ Em 1970, por decreto o governo reconfigura a instituição, fundindo várias autarquias já existentes no Ministério da Saúde à sua estrutura, dando

319 Ver Nogueira e Soares (op. cit.) e Soares e Soares (op. cit.).

320 INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Rede Nacional de Identificação de Museus. Disponível em: <http://renim.museus.gov.br/registro-de-museus/>. Acesso em 17 ago. 2018.

321 Levando em conta museus que tinham acervos expressivos na área de história natural, biologia e ciências exatas e da terra, ou seja, sem incluir os museus classificados como de arqueologia, etnografia e antropologia.

322 Ver Nogueira e Soares (op. cit.); Soares e Soares (op. cit.).

323 Ver LENT, Herman. *O massacre de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978; SANTANA, Matheus Santos. O “Massacre de Manguinhos”: segurança nacional, desenvolvimento econômico e o campo científico da saúde na ditadura civil-militar (1964-1971) (dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

origem à Fundação Instituto Oswaldo Cruz, que em 1974 vem a se chamar Fundação Oswaldo Cruz. A partir da segunda metade da década de 1970, o campo museal da instituição começa a se estruturar: os acervos que sobreviveram são reorganizados e novas iniciativas de curta duração são propostas. São dessa época as breves existências do Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz e do Museu Didático Marquês de Barbacena.³²⁴

Com a redemocratização do país, nos anos 1980, a Fiocruz experimenta um processo de democratização interna paralelo à construção do movimento da reforma sanitária que culminaria na construção do Sistema Único de Saúde, em 1988. Nesse período, o papel social da fundação é reforçado como promotor da democracia e algumas novas unidades técnico-científicas são criadas.

A Casa de Oswaldo Cruz (COC), instituída em 1986, tem como objetivo a valorização da memória institucional e a preservação do patrimônio cultural, a pesquisa sobre história da saúde e das ciências e a divulgação científica. Ao ser constituída, a COC agrega para si o patrimônio histórico existente da fundação, incluindo os acervos arquivísticos, arquitetônicos e museológicos. Nesse contexto, ainda em 1986, é aberto o Museu Casa de Oswaldo Cruz, na histórica Cavalaria, mas permanece aberto por pouco tempo, dando espaço a criação de um novo museu, na década de 1990 (GRUZMAN; FERREIRA; MAYRINK, 2015).

O MUSEU DA VIDA

A proposta de criação de um novo museu científico na Fiocruz tem origem em seu II Congresso Interno. De acordo com suas deliberações, esse novo museu deve ter como missão “articular à dimensão educativa, o imenso potencial informativo da Fiocruz, estabelecendo uma ponte entre especialistas e o público mais amplo para o qual devem-se destinar os resultados da pesquisa científica”.³²⁵

Ao longo da década de 1990, o projeto, denominado Espaço Museu da Vida, é formulado pela Casa de Oswaldo Cruz com apoio das outras unidades, incorporando as experiências museológicas anteriores. O projeto inicial previa um circuito básico de visitação e um circuito ampliado, denominado Complexo de Difusão Cultural e Científica (GRUZMAN; FERREIRA; MAYRINK, 2015). Apesar da captação de recurso de várias fontes, apenas uma versão reduzida do circuito básico foi implantada, dando origem ao Museu da Vida, que efetivamente abre suas portas para o público em 1999.

324 Ver Soares e Soares (op. cit.); Nogueira e Soares (op. cit.).

325 FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Segundo Congresso Interno: relatório final*. Rio de Janeiro, jan. 1994a. Disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/II%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20janeiro%20de%201994.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

O desenho do novo museu trazia em si algumas inovações para época que definem de forma bastante marcada sua atuação até hoje. Em primeiro lugar, inspira-se bastante na experiência dos centros de ciência interativos, criados a partir da experiência do Exploratorium aberto em São Francisco, nos Estados Unidos em 1969. Ele busca construir uma linguagem diferente de museu de ciência, mais focada nos processos científicos e na educação e divulgação científica dando pouca atenção a acervos históricos da ciência e tecnologia. Porém, busca agregar essa experiência à visão histórica da construção de conhecimento científico, área na época em expansão dentro da própria unidade que organizava o Museu.

O objetivo é construir um museu vivo, que coexista com as atividades científicas da própria instituição de forma orgânica. Dessa forma, almeja-se, também, construir um museu descentralizado, espalhado ao longo do campus da Fundação em Manguinhos. Por fim, pretende-se que essa experiência possa ser compartilhada com diferentes públicos, ampliando ao máximo seu alcance. Nesse sentido, uma das estratégias assinaladas é o uso de exposições itinerantes, como estratégia de permitir maior acesso à produção do museu.³²⁶

Assim, é inaugurado em 25 de maio de 1999 o Museu da Vida no campus de Manguinhos da Fiocruz. Trata-se de um museu que se associa com o tema da vida de uma forma interdisciplinar. Suas temáticas geradoras são descritas como “Saúde como qualidade de vida, a vida enquanto objeto de conhecimento, a intervenção do homem sobre a vida”.³²⁷

Diferente dos museus tradicionais, os espaços do Museu da Vida não se situam em uma única edificação, mas se localizam em diferentes espaços ao longo da área de preservação histórica do campus de Manguinhos da Fiocruz, incluindo espaços internos e externos. O museu também busca trabalhar diferentes linguagens e tipologias expográficas, disponibilizando atividades interativas, exposições de objetos, trilhas naturais, atividades artísticas etc. Suas visitas são caracterizadas pela mediação humana que busca “a construção de diálogos que articulam um discurso comum entre um grupo, um discurso que associa a cultura científica às interpretações pessoais e o contexto socioambiental”.³²⁸ O Museu da Vida é um museu público, gratuito e aberto ao público geral.

A visita ao Museu da Vida tem início no Centro de Recepção. Em uma edificação inspirada nas antigas plataformas de trem, os visitantes são recepcionados e orientados para as diferentes atividades. Logo na entrada encontram um grande painel do artista Glauco Rodrigues que representa imagens dos primeiros momentos da fundação. Em uma maquete do campus podem se localizar no território e compreender a

326 FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – proposta*. Rio de Janeiro: [s.n.] set. 1994b.

327 FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. *Plano Museológico Museu da Vida 2017-2021*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/educacao/planomuseologico_maio_museudavida_2018.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

328 BEVILAQUA, Diego Vaz. Promoção da saúde, popularização da ciência e mediação no Museu da Vida. In: BORGES, Regina M. R.; IMHOFF, Ana Lucia; BARCELLOS, Guy Barros (orgs.). *Educação e cultura científica e tecnológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

diversidade da Fiocruz. De lá, os visitantes podem apanhar o Trenzinho da Ciência que percorre os espaços do museu.

Na primeira parada os visitantes podem conhecer o Parque da Ciência, ambiente externo do Museu da Vida repleto de grandes esculturas e equipamentos interativos – como uma grande célula animal e espelhos sonoros que transmitem o som à longa distância. Esse espaço destina-se aos temas da energia, comunicação e organização da vida.



Figura 2 - Mapa esquemático do circuito de visitação do Museu da Vida.

Por lá, chega-se à Pirâmide, espaço interno do Parque. Em um grande salão de jogos e experimentos, é possível montar uma célula com suas organelas, observar pequenos seres no microscópio e deitar-se em uma grande hemácia para observar um mobile feito de vírus e bactérias em escala. Na câmera escura, o visitante é levado em uma viagem para dentro do olho humano.

Seguindo a viagem, chega-se à Tenda da Ciência Virginia Schall. Na Tenda, oriunda do Fórum Global (evento paralelo à Eco-92 que reuniu a sociedade civil no Aterro do Flamengo) realizam-se espetáculos de teatro, contação de histórias e outras atividades que integram arte e ciência dentro de um ambiente museológico.

Logo ao lado, no subterrâneo Epidaurinho, é possível conhecer mais sobre a percepção humana do mundo. Ilusões de ótica, jogos de espelho e luzes compõem o ambiente. Além disso, o visitante encontra logo na entrada um pequeno Epidauro, onde peças de teatro e pequenos esquetes são encenados.

Na mesma quadra, o visitante pode entrar no borboletário, o único aberto ao público atualmente na cidade do Rio de Janeiro. Em um espaço aberto, o visitante pode conviver com quatro espécies diferentes de borboletas nativas. O espaço funciona dentro de um ciclo de sustentabilidade das borboletas, onde os ovos são diariamente coletados e levados a uma incubadora em que crescem e viram lagartas. Quando eclodem, voltam ao borboletário para mais um ciclo.

O ápice da visita é o Castelo Mourisco. Patrimônio científico brasileiro, o prédio é tombado pelo Iphan e símbolo do desenvolvimento da ciência e da saúde nacional. Além de conhecer a história e a arquitetura do Castelo, o visitante pode explorar as salas no segundo andar onde funcionava o antigo gabinete de Oswaldo Cruz. Lá, pode conhecer mais sobre a vida e as pesquisas dele e de Carlos Chagas, pioneiros da Fiocruz, onde uma pequena parte do acervo museológico do Museu está exposta. Além disso, logo ao lado, na sala Costa Lima, há uma pequena mostra sobre a coleção entomológica da Fiocruz. No terceiro andar, o visitante pode conhecer a Biblioteca de Obras Raras e seu detalhadamente decorado salão de leitura. Ainda na sala do antigo Museu da Anatomia Patológica, exposições temporárias são montadas e abertas ao público.

O Museu da Vida também disponibiliza ao lado de sua sede administrativa um Salão de Exposições Temporárias, (o mesmo de cima?) que recebe exposições temporárias e itinerantes. Além disso, na sede do Museu há um auditório que recebe eventos científicos e de divulgação científica de toda a Fiocruz, além da Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel.

Em seu programa educativo,³²⁹ além das visitas mediadas realizadas por sua equipe educativa, o Museu realiza oficina com professores e programas de capacitação de jovens de ensino médio em produção cultural (Pró-cultural) e jovens universitários em mediação de museus (Propop). O Museu oferece, ainda, curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência e Mestrado Acadêmico em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde.

O Museu da Vida também mantém a custódia do acervo museológico da Fiocruz, composto de cerca de 2500 peças em sua reserva técnica. Esse acervo tem origem no Museu Oswaldo Cruz e na coleção pessoal de seu patrono, e completou, no ano de 2017, o centenário de sua constituição.

O público do Museu é monitorado de forma sistemática desde sua abertura. Em média, o Museu da Vida tem alcançado em torno de 200 mil visitantes ao ano – 50 mil no campus e 150 mil em atividades

329 Fiocruz (op. cit.).

itinerantes. Desde 2005, o museu, em um protocolo compartilhado com outros museus de ciência no Rio de Janeiro, realiza perfil demográfico dos visitantes que frequentam suas instalações em Mangueiras.

Essa rede que compartilha o protocolo é atualmente chamada de OMCC&T, Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia.³³⁰ De acordo com os dados da pesquisa de 2013, 85% do público espontâneo do Museu da Vida vêm da Zona Norte e Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense, regiões de menor índice de visitação em outras pesquisas sobre hábitos culturais de públicos a museus.

O museu tem um público majoritariamente feminino, 71% de seus visitantes são do sexo feminino. Se compararmos com dados do OMCC&T, nos outros museus da rede são 58% de público feminino. Além disso, 81% de seus visitantes estavam em sua primeira visita ao museu e 51% permanecem no museu por mais de duas horas, enquanto no total da rede OMCC&T, 66% estavam visitando o museu pela primeira vez e apenas 28% permaneceu mais de duas horas.

Do ponto de vista socioeconômico, 36% dos visitantes do Museu da Vida tem instrução até ensino médio incompleto (contra 17% do total de rede de pesquisa), 53% são pretos e pardos (41% no total da rede de pesquisa), 52% são considerados de baixa renda (contra 29%).³³¹ Essa caracterização sociodemográfica do Museu da Vida é próxima da demografia da cidade do Rio de Janeiro, comprando com outros equipamentos culturais similares, permitindo inferir que o Museu atrai uma população múltipla, respeitando a diversidade local. Segundo o censo do IBGE de 2010 (IBGE, 2012), a população da cidade do Rio de Janeiro possui uma população em 53% não completaram o segundo grau, 53% são negros ou pardos e 62% são considerados de baixa renda.

Uma marca da atuação do Museu da Vida é sua dedicação à itinerância. O Museu realiza atividades fora dos muros através do Ciência Móvel, de exposições itinerantes e de atividades no território. Suas mostras itinerantes são compostas por um portfólio de cerca de 10 exposições, oferecidas de forma gratuita a outras instituições culturais. Dessa forma, a experiência das exposições desenvolvidas pela equipe do Museu pode chegar a um público do território nacional. O Ciência Móvel é o programa que leva a experiência do Museu da Vida ao interior da região sudeste em um caminhão especialmente adaptado para isso. Dessa forma, ajuda a diminuir as desigualdades historicamente construídas de concentração dos centros e museus de ciência em capitais e grandes cidades e, nesses, em suas regiões mais ricas.

330 A rede de pesquisa OMCC&T (Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia) é composta por Museu da Vida, Museu Aeroespacial, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu do Universo – Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro e Museu Nacional.

331 COSTA, Andréa Fernandes et al. *Museus de ciência e seus visitantes: pesquisa perfil-opinião 2013*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2015. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/MuseusdecienciaeseusvisitantesOMCCT2013.pdf. Acesso em 18 ago. 2018

EXPERIÊNCIAS NO TERRITÓRIO

Desde que abriu suas portas, o Museu da Vida buscou formular soluções que o aproximassem do público do território em que a Fiocruz está inserida, moradores de regiões vulnerabilizadas socialmente. Apesar de ser gratuito, era claro que a gratuidade, era condição necessária, mas insuficiente. As barreiras culturais dificultam e colocam obstáculos para a participação de populações historicamente excluídas dessas atividades culturais.³³²

Logo em seu primeiro ano, em parceria com Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm), o Museu da Vida deu início ao Curso de Formação de Monitores que tinha como objetivo formar jovens, moradores das comunidades do território, estudantes de escola pública de ensino médio para a mediação de museus. Através desse curso, os jovens participavam do cotidiano da maior ação educativa do museu permitindo à instituição incorporar a voz desse grupo.

O curso foi oferecido até 2011, quando foi reformulado e deu origem ao curso que hoje é chamado de Pró-cultural. O Pró-cultural, Programa de Iniciação a Produção Cultural tem origem na reformulação do curso de monitores, trabalhando com o mesmo público, mas com o objetivo é capacitá-los nas ferramentas básicas de produção cultural, de forma a estimular a produção local de cultura.

Outras experiências importantes foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos. Em 2007, o projeto Tecendo Redes por um Planeta Saudável buscou aproximar o Museu das escolas do território. Já em 2012, a exposição *Manguinhos: Território em Transe* trouxe uma nova forma de fazer exposições: o museu atuou essencialmente com um mediador e a produção de conteúdo foi realizada por jovens das comunidades de Manguinhos. Finalmente, em 2013, o Museu da Vida incorporou em seus grupos de trabalho uma equipe específica para realizar ações territorializadas e integrar as iniciativas do espaço no território. A partir desse marco, a atuação da instituição no território vem se ampliando, tendo sido um dos atores chaves nas iniciativas da Fiocruz com foco na redução dos casos de dengue e zika.

Outra iniciativa de destaque é a introdução em 2015 do Expresso da Ciência, um ônibus do museu focado em trazer escolas públicas e grupos comunitários de regiões socialmente vulnerabilizadas para a visita ao Museu da Vida, em resposta a pesquisas de público anteriores que apontaram a dificuldade em conseguir transporte como uma das principais razões da não-visita ao museu.³³³

332 Ver COIMBRA, Carlos Alberto Quadros et al. Tipos de audiência segundo a autonomia sociocultural e sua utilidade em programas de divulgação. *Tempo Brasileiro*, v. 188, 2012, pp. 113-124.; DAWSON, Emily. "Not designed for us": how science museums and science centers socially exclude low-income, minority ethnic groups. *Science Education*, v. 98, n. 6, 2014, pp. 981-1.008.; CAZELLI, Sibelet et al. Inclusão social e a audiência estimulada em um museu de ciência. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, 2015, pp. 203-23.; TRAUTMANN, C. et al. Reaching new audiences at science centers and museums. *The Informal Learning Review*, v. 149, 2018, pp. 13-9.

333 MANO, Sonia; DAMICO, José Sérgio. *O que dizem os ausentes: um estudo qualiquantitativo sobre visitas agendadas e não realizadas no Museu da Vida (2002-2011)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2013. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cadernoquatro.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

VISÃO DE FUTURO

Em sua reunião inaugural, em 2014, o Science Center World Summit (Cúpula Mundial de Centros de Ciência), herdeiro do Congresso Mundial de Centros de Ciência, emitiu a Declaração de Mechelen, referendada em 2017 através do Protocolo de Tóquio. A Declaração, que tem sete pontos, em seu primeiro ponto estabelece que os museus e centros de ciência devem “investigar formas mais eficazes de envolver comunidades locais e públicos cada vez mais diversos, mantendo o foco nas diferenças de gênero”.³³⁴

Para atender o que considera sua função social, em particular por se situar dentro de uma instituição de saúde pública, o Museu da Vida vem buscando romper com as lógicas de iniquidades no Brasil com o objetivo de trazer cada vez mais esse público historicamente excluído de equipamentos culturais e científicos e criar um espaço de diálogo, convivência entre o diferente e exercício da democracia.

Dentro de seu plano museológico, o museu da Fiocruz estabelece a sua visão de futuro.³³⁵ Essa visão tem como objetivo uma maior integração do museu com o território que ocupa, uma maior clareza de sua função social e uma maior integração com as áreas de pesquisa da Fiocruz.

O Plano de Requalificação do NAHM é uma das peças chaves dessa visão de futuro. O plano prevê novas ocupações nas edificações do núcleo histórico original de prédios da fundação.³³⁶ Dessa forma, prevê uma maior apropriação pelo público desses espaços, deslocando muitas atividades para outros locais e ampliando as áreas expositivas, ao mesmo tempo em que atua na preservação desse patrimônio.

Ao fazer isso, permite ao museu também repensar sua própria relação com o território, tanto do ponto vista temporal como espacial. Assim, requalificar essa área histórica é também olhar esse núcleo como parte integrante de um território que sofreu enormes mudanças no século XX. O plano traz, ainda, inovações conceituais, como a ideia de campus-parque – que prevê a apropriação da área como cultural, mas também de lazer por seu público interno e externo. É importante que esse plano seja um vetor para que a instituição atue no desenvolvimento social local, integrando, inclusive, a região ao mapa cultural da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, ao aproximar as exposições científicas das áreas históricas, provoca-se um maior diálogo entre a exposição histórica tradicional, com seus objetos e coleções, e a divulgação da ciência contemporânea, buscando aproximar essas tensões e pensar em uma história que trate de passado e presente.

334 SCIENCE CENTER WORLD SUMMIT. Protocolo de Tóquio. 2017. Disponível em: https://scws2017.org/_assets/docs/Portuguese_Brazil_Tokyo_Protocol.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

335 Fiocruz (op. cit., 2017).

336 BEVILAQUA, Diego Vaz; PINHEIRO, Marcos José de Araújo. Perspectivas. In: BEVILAQUA, Diego Vaz et al. (orgs.) *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Museu_da_Vida_Ciencia_e_Arte_em_Manguinhos.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.; PINHEIRO, Marcos José de Araújo et al. *Arquitetura e espaços museológicos: experiências a partir do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro*. A ser publicado por ICAMT/ICOM 2018.

Dentro dessa lógica, é preciso também que a divulgação científica do museu aproxime-se da agenda de pesquisa da própria Fiocruz. O Museu deve se estabelecer como uma plataforma museológica de diálogo entre a instituição e a população. Dessa forma, tem-se os instrumentos necessários para promover uma aproximação horizontal entre saberes, para além de criar pontes, mediar os diferentes discursos.

Um elemento de aproximação importante é a integração entre os acervos da Fiocruz, tanto científicos como culturais, e dos esforços na sua digitalização. Por meio desse movimento de integração entre as duas tradições de museus na Fiocruz, é possível aproximar os acervos e coleções às exposições do museu, tendo como consequência, a aproximação do museu à agenda institucional de pesquisa. Esse desafio é o de criar novas conexões,

“(...) entre a própria comunidade científica, entre quem produz ciência e a sociedade, entre a instituição e os territórios em que ela se insere, entre os locais em que está presente e a cidade que a rodeia, entre o lugar em que está e o mundo que a cerca”.³³⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto traçou uma narrativa sobre a história das experiências museológicas da Fiocruz, buscando, assim, revelar a identidade do próprio Museu da Vida nessa narrativa. Esse legado – fonte não apenas do Museu da Vida, mas também das valiosas coleções culturais abrigadas na instituição – é algo pouco explorado nas narrativas oficiais museológicas brasileiras. Em um momento de repensar categorias e experiências, serve também para compreender uma evolução do campo como um todo ao longo do século XX.

O Museu da Vida é, portanto, um museu de difícil classificação tanto temática quanto tipológica, pois agrega acervos de museus de ciências exatas, biológicas e da saúde, além de históricos, arqueológicos e artísticos. Configura-se em algumas exposições como museu tradicional, mas com equipamentos de alta interatividade. Além disso, incorpora elementos de museus comunitários e eco-museus, assim como de um jardim zoológico (ao abrigar um borboletário).

É também um museu que se espalha pelo país e atrai um público maior fora de seus muros do que dentro dele. Talvez, sua característica mais importante seja o fato de ser um museu que vem investindo e obtem resultados importantes na atração de públicos historicamente excluídos. Através das séries temporais da pesquisa de público, é possível perceber que o museu vem se aproximando de um público que se encontra fora das estatísticas usuais de hábitos culturais. Dessa forma, mostra a efetividade de suas ações

337 Bevilacqua e Pinheiro (op. cit., p. 109).

destinadas a incorporar esse público, em particular àquelas voltadas para ações no território que ocupa.

É olhando para o futuro que o museu melhor se concilia com seu passado, pois, ao projetar sua visão, busca em suas origens o impulso para ir mais longe. Como bem disse Mia Couto: “O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.”

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, Jaime L. (coord.) *Manguinhos de sonho à vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1990.
- BEVILAQUA, Diego Vaz. Promoção da saúde, popularização da ciência e mediação no Museu da Vida. In: BORGES, Regina M. R.; IMHOFF, Ana Lucia; BARCELLOS, Guy Barros (orgs.). *Educação e cultura científica e tecnológica*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2012
- ____; PINHEIRO, Marcos José de Araújo. Perspectivas. In: BEVILAQUA, Diego Vaz et al. (orgs.) *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Museu_da_ViVi_Ciencia_e_Arte_em_Manguinhos.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.
- CAZELLI, Sibelet et al. Inclusão social e a audiência estimulada em um museu de ciência. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, 2015, pp. 203-23.
- COIMBRA, Carlos Alberto Quadros et al. Tipos de audiência segundo a autonomia sociocultural e sua utilidade em programas de divulgação. *Tempo Brasileiro*, v. 188, 2012, pp. 113-24.
- COSTA, Andréa Fernandes et al. *Museus de ciência e seus visitantes: pesquisa perfil-opinião 2013*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2015. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/MuseusdecienciaeseusvisitantesOMCCT2013.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018
- DAWSON, Emily. "Not designed for us": how science museums and science centers socially exclude low-income, minority ethnic groups. *Science Education*, v. 98, n. 6, 2014, pp. 981-1.008.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Segundo Congresso Interno: relatório final*. Rio de Janeiro, jan. 1994a. Disponível em: <https://congresso-interno.fiocruz.br/sites/congresso-interno.fiocruz.br/files/documentos/II%20Congresso%20Interno%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final%20-%20Janeiro%20de%201994.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- ____. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – proposta*. Rio de Janeiro: [s.n.] set. 1994b.
- ____. *Plano de Requalificação do NAHM: Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos*. Rio de Janeiro: [s.n.] 2015.
- ____. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. *Plano museológico Museu da Vida 2017-2021*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/educacao/planomuseologico_maiomuseudavida_2018.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Rede Nacional de Identificação de Museus. Disponível em: <http://renim.museus.gov.br/registro-de-museus/>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- LENT, Herman. *O massacre de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- MANO, Sonia; DAMICO, José Sérgio. *O que dizem os ausentes: um estudo qualiquantitativo sobre visitas agendadas e não realizadas no Museu da Vida (2002-2011)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Museu da Vida, 2013. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cadernoquatro.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018
- MORAES, Aline Ferry. O cinematógrafo e os filmes brasileiros na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911. *Revista Livre de Cinema*, v. 2, n. 2, 2015, pp. 14-29.

NOGUEIRA, Inês; SOARES, Pedro Paulo. Patrimônio cultural da ciência e da saúde: conceitos e abordagens de pesquisa no acervo museológico da Fundação Oswaldo Cruz. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Anpuh*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364840236_ARQUIVO_anpuh2013.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (coord.) *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo et al. *Arquitetura e espaços museológicos: experiências a partir do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro*. A ser publicado por ICAMT/ICOM 2018.

SANTANA, Matheus Santos. O “Massacre de Manguinhos”: segurança nacional, desenvolvimento econômico e o campo científico da saúde na ditadura civil-militar (1964-1971) (dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

SCIENCE CENTER WORLD SUMMIT. Protocolo de Tóquio. 2017. Disponível em: https://scws2017.org/_assets/docs/Portuguese_Brazil_Tokyo_Protocol.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

SOARES, Pedro Paulo; SOARES, Inês. Antecedentes. In: BEVILAQUA, Diego Vaz et al. (orgs.) *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Museu_da_Vida_Ciencia_e_Arte_em_Manguinhos.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

TRAUTMANN, C. et al. Reaching new audiences at science centers and museums. *The Informal Learning Review*, v. 149, 2018, p. 13-9.